

Resenha | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

HEYMANN, Luciana (Org.). *História oral e arquivo: Debates e desafios*. São Paulo: Letra e Voz, 2024. (Coleção História oral e dimensões do público). 172 p.

Uma chave de leitura para história oral e arquivos

An interpretive framework for oral history and archives

Una llave en la lectura para las historias orales y registros

Nelson Barros Silva Júnior

Doutorando em História da Universidade do Estado de Santa Catarina  

A coletânea *História oral e arquivos: debates e desafios* (2024), organizada pela especialista Luciana Heymann e publicada pela editora *Letra e Voz*, insere-se em uma linha editorial que articula a História Oral a outras práticas e campos do saber, compondo uma série de livros que operam por binômios. É o caso, por exemplo, de *História oral e arte: narração e criatividade*, organizada por Ricardo Santhiago, em 2016, ou de títulos mais recentes, como *História Oral e questões de saúde e ciência: atravessamentos* (2024) e *História Oral e transexualidade* (2024), sob a organização de, respectivamente, Polyana Valente e Marta Gouveia de Oliveira Rovai. Trata-se de uma constelação, um mosaico no qual cada fragmento assume sentido próprio, embora o conjunto revele outra imagem, outras dimensões, outros públicos. No delinear de Junièle Rabêlo de Almeida – responsável pela coleção *História Oral e dimensões do público* –, no texto de orelha do livro, essa obra “[...] afirma a potência do movimento da História Oral e dos seus entrecruzamentos”. Essa estrutura binária, longe de representar abismos e rupturas, sugere antes um ponto de encontro – uma ideia pautada nos entrelugares de um campo plástico e criativo, como aponta Ricardo Santhiago.

A coletânea aqui analisada vale-se desse caminho já constituído para explorar as intersecções entre os usos do arquivo e a prática de História Oral, abordando conceitos, analisando deslocamentos e compartilhando experiências.

É essa a chave de leitura que assumo ao reconhecer a História Oral como um campo transdisciplinar, o que me permite compreender não somente como uma prática que se apropria de métodos e abordagens, mas também como um campo, que, ao lado dos seus obreiros de Clio, propõe inflexões, contribuições e deslocamentos epistemológicos.

O livro, composto por uma apresentação, duas partes e oito capítulos, advindos de diferentes autores e autoras, instituições, temas e objetos de pesquisa, os quais, em maior ou menor grau, adotam a História Oral e o arquivo como categorias relacionais. À maneira de uma constelação benjaminiana, distante da noção de continuidade, os textos não estão organizados em linearidade cronológica, mas pela justaposição de fragmentos – uma forma de se relacionar, a qual ilumina uns e outros, apresentando caminhos de compreensão sobre a relação entre arquivo e História Oral, entre memória, história e narrativa. E é por meio das vozes, pelos arquivos e pelas experiências dissonantes que um campo nasce. A partir dos tensionamentos, paisagens, antes dadas como estáveis, são recompostas e justapostas a novas e antigas contribuições, conferindo espessura, densidade e múltiplas camadas a um campo, que é, antes de tudo, plástico.

“Os arquivos da História Oral” compõem-se de quatro capítulos que exploram e discutem, em primeiro lugar, dimensões teóricas e metodológicas no que tange ao arquivamento de entrevistas e, em segundo, experiências, em caráter concreto, em relação às noções de produzir, coletar, preservar e disponibilizar fontes orais e visuais. A meu ver, a proposta de aproximação que a intelectual se propõe, ao alocar autores e autoras, de certo modo, ajudou a cultivar o caráter expansionista da História Oral, como um modo de saber-fazer que enriquece a sua paisagem, os seus contornos e ângulos. Os capítulos, escritos por Verena Alberti, Carla Simone Rodeghero, Ana Maria Mauad e outros, Karen Worcman e Felipe Rocha, refletem um campo fértil, vigoroso e multifacetado.

Na abertura, Alberti demonstra como a importância de serem contextualizadas as entrevistas de História Oral, não somente as utilizadas, como também as produzidas. A partir de três exemplos, é explorada a relação entre

História Oral e arquivo em uma abordagem, a qual apresenta múltiplos aspectos do campo, explorando os embrincamentos. Em linha semelhante, Rodeghero apresenta reflexões advindas do seu projeto de pós-doutorado – um movimento de desdobramento, que se cristaliza tomando como fio condutor os documentos produzidos pelo fórum de Coletivos de História Oral (ABHO). Por seu turno, são postas em relevo as questões envolvendo o processo de construção de acervo de entrevistas, que orbitam os laboratórios, núcleos e centros de memória, bem como os arquivos e os espaços de memória. Em um mesmo caminho, desdobrando as reflexões, Ana Maria Mauad, Juniêle Rabêlo de Almeida, Matheus Sinder e Marcus Oliveira debruçam-se na trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Abordar esse itinerário é, também, abordar a trajetória do seu arquivo e lançar luz – ainda que, a meu ver, já bastante iluminada – sobre a produção desenvolvida ao longo dos seus 40 anos de existência. Esse percurso, sobretudo no que se refere às linhas de pesquisa, aos projetos coletivos e à ampla presença nas redes sociais – *Instagram, Facebook e YouTube* – catapulta (ou, talvez, já tenha impulsionado) o laboratório como um centro de referência para o desenvolvimento de outro campo igualmente plástico: a prima-irmã da História Oral, a História Pública. De saída, Karen Worcman e Felipe Rocha revisitam com seus olhares os limiares do arquivo colaborativo do Museu da Pessoa. Nesse sentido, o Museu da Pessoa configura um exemplo caro que cristaliza a potência dos projetos colaborativos de História Oral, já que demonstra, gradativamente, como esse espaço de memória reverberou-se a ponto de desenvolver categorias e conceitos como o amplamente conhecido – tecnologia social da memória – no processo de criação, preservação e disponibilização das histórias de vida de qualquer sujeito.

Já “Entrevistas e documentos de arquivo: interseções”, na segunda parte do livro, compreende quatro capítulos destinados a um debate em relação ao lugar de entrevistas e arquivos na pesquisa histórica. Pelo meu entendimento, trata-se de um aprofundamento que Letícia Nedel abre ao se propor refletir sobre enquadramentos teóricos e metodológicos inerentes à produção das fontes de

pesquisa. Como afirma Luciane Heymann (2024, p. 10): “[...] uma breve revisão do estatuto epistemológico das fontes de pesquisa no campo da história”.

No percurso da compreensão da obra, os capítulos seguintes a iluminam, como a análise de Aline Lacerda, a qual explora a interface metodológica ao adotar a História Oral como segmento para o tratamento de arquivos. O texto de Viviane Borges Trindade apresenta um relato de experiência de sua própria pesquisa em uma rota exploratória que opera com uma tipologia de arquivos nomeados como “marginais” – conceito que, por sua vez, desdobra-se em outras frentes, a exemplo do projeto de extensão *Arquivos Marginais*, desenvolvido, desde 2011, abrangendo estudantes da graduação e da pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina em diferentes produções como podcast, exposições e pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Em linha semelhante, Hilário Figueiredo Pereira Filho e Joseane Paiva Macedo Brandão exploram como a História Oral operou no sentido de potencializar múltiplos e novos olhares em relação ao acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com foco na seção do Rio de Janeiro. Assim como o projeto Arquivos Marginais, o relato dos autores desdobra o projeto Memorial Oral do Iphan, que trabalha nas continuidades e rupturas, desde 1980.

As experiências reunidas na coletânea compartilham um traço central: são frutos de construções coletivas, atravessadas por processos colaborativos. Duas categorias, que, ao se entrelaçarem, geram mais perguntas do que respostas – e ainda bem –, pois, justamente, são desses tensionamentos que emergem as maleabilidades e vitalidades de um campo plástico. Pela minha compreensão, são categorias que dialogam, intrinsecamente, com o campo da História Pública, ainda que essa dimensão apareça, de forma mais discreta, ao longo dos capítulos. Trata-se tanto de um movimento de reflexão e autorreflexão sobre debates e desafios quanto de um itinerário que se abre a outros, nunca fixo e engessado, sempre dinâmico, conectado e em constante elaboração e reelaboração.

Referências

- HEYMANN, Luciana (org.). *História oral e arquivos: debates e desafios*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.
- POLYANA, Valente (org.). *História oral e questões de saúde e ciência: atravessamentos*. São Paulo: Letra e Voz, 2024
- ROVAI, Marta (org.). *História oral e transexualidade*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.
- SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História oral e arte: narração e criatividade*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.